

**XVI - NÃO SE PODE
SERVIR A DEUS
E A MAMON**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI - NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Salvação dos ricos

1. *Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamom. (S. LUCAS, cap. XVI, v. 13.)*

2. *Então, aproximou-se dele um mancebo e disse: Bom mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna? - Respondeu Jesus: Por que me chamas bom? Bom, só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. - Que mandamentos? retrucou o mancebo. Disse Jesus: Não matarás; não comerás adultério; não furtarás; não darás testemunho falso. - Honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo.*

O moço lhe replicou: Tenho guardado todos esses mandamentos desde que cheguei à mocidade. Que é o que ainda me falta? - Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.

Ouvindo essas palavras, o moço se foi todo tristonho, porque possuía grandes haveres. - Jesus disse então a seus discípulos: Digo-vos em verdade que bem difícil é que um rico entre no reino dos céus. - Ainda uma vez vos digo: É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus (1). (S. MATEUS, cap. XIX, vv. 16 a 24. - S. LUCAS, cap. XVIII, vv. 18 a 25. - S. MARCOS, cap. X, vv. 17 a 25.)

Preservar-se da avareza

3. *Então, no meio do turba, um homem lhe disse: Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança que nos tocou. - Jesus lhe disse: Ó homem! quem me designou para vos julgar, ou para fazer as vossas partilhas? - E acrescentou: Tende o cuidado de preservar-vos de toda a avareza, seja qual for a abundância em que o homem se encontre, sua vida não depende dos bens que ele possua.*

Disse-lhes a seguir esta parábola: Havia um rico homem cujas terras tinham produzido extraordinariamente - e que se entretinha a pensar consigo mesmo, assim: Que hei de fazer, pois já não tenho lugar onde possa encerrar tudo o que vou colher? - Aqui está, disse, o que farei: Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde porei toda a minha colheita e todos os meus bens. - E direi a minha alma: Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza. Mas, Deus, ao mesmo tempo, disse ao homem: Que insensato és! Esta noite mesmo tomar-teão a alma; para que servirás o que acumulaste? É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus. (S. LUCAS, cap. XII, vv. 13 a 21.)

Jesus em casa de Zaqueu

4. *Tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade - e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, - o qual, desejoso de ver a Jesus, para conhecê-lo, não o conseguia devido à multidão, por ser ele de estatura muito baixa. - Por isso, correu á frente da turba e subiu a um sicômoro, para o ver, porquanto ele tinha de passar por ali. - Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu para o alto o olhar e, vendo-o, disse-lhe: Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hospedes hoje em tua casa. - Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu jubiloso. Vendo isso, todos murmuravam, a dizer: Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida. (Veja-se: “Introdução”, artigo - Publicanos.)*

Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, lhe disse: Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o com quatro tantos. Ao que Jesus lhe disse: Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido. (S. LUCAS, cap. XIX, vv. 1 a 10.)

Parábola do mau rico

5. *Havia um homem rico, que vestia púrpura e linho e se tratava magnificamente todos os dias. - Havia também um pobre, chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, - que muito estimaria poder mitigar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ,ninguém lhas dava e os cães lhe viam lambe as chagas.*

- Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve por sepulcro o inferno. - Quando se achava nos tormentos, levantou os olhos e via de longe Abraão e Lázaro em seu seio - e, exclamando, disse estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro, a fim de que molhe a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois sofro horrível tormento nestas chamas.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembra-te de que recebeste em vida teus bens e de que Lázaro só teve males; por isso, ele agora esta na consolação e tu nos tormentos.

Ao demais, existe para sempre um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar do lugar onde estás para aqui.

Disse o rico: Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, - onde tenho cinco irmãos, a dar-lhes testemunho destas coisas, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento. - Abraão lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem. - Não, meu pai Abraão, disse o rico: se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência. - Respondeu-lhe Abraão: Se eles não ouvem a Moisés, nem aos profetas, também não acredita-

rão, ainda mesmo que algum dos mortos ressuscite. (S. LUCAS, cap. XVI, vv. 19 a 31.)

Parábola dos talentos

6. O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. - Depois de dar cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, a cada um segundo a sua capacidade, partiu imediatamente. - Então, o que recebeu cinco talentos foi-se, negociou com aquele dinheiro e ganhou cinco outros. - O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros tantos. Mas o que recebera um cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu amo. - Passado longo tempo, o amo daqueles servidores voltou e os chamou a contas. - Veio o que recebera cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei. - Respondeu-lhe o amo: Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor. - O que recebera dois talentos apresentou-se a seu turno e lhe disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei. - O amo lhe respondeu: Bom e fiel servidor; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor. - Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: Senhor, sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes de onde nada puseste; - por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui o tens: restituo o que te pertence. - O homem, porém, lhe respondeu: Servidor mau e preguiçoso; se sabias que ceifo onde não semei e que colho onde nada pus, - devias pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu retirasse com juros o que me pertence. - Tirem-lhe, pois, o talento que está com ele e dêem-no ao que tem dez talentos; - porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter; e seja esse servidor inútil lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes. (S. MATEUS, cap. XXV, vv. 14 a 30.)

Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria

7. Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, idéia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. E o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamen-

tos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me”, não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que *o apego aos bens terrenos* é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à idéia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até à abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: “Fora da caridade não há salvação”.

A conseqüência dessas palavras, em sua acepção rigorosa, seria a abolição da riqueza por prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; seria, ao demais, a condenação do trabalho que a pode granjear; conseqüência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é lei de Deus.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. E a conseqüência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de mais as facilitar, cumpre sejam destruídos os obstáculos materiais que os separam e tornadas mais rápidas as comunicações. Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez.

Mas, para os levar a efeito, precisa de recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. Com razão, pois, é a riqueza considerada elemento de progresso.

Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: *por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e providentes para conservar*. E, alias, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, quis ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que não mais fora senão instrumento passivo e irresponsável como os animais. A riqueza é um meio de o experimentar moralmente. Mas, como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que *incessantemente a desloca*. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, *cada um a possui por sua vez*. Assim, um que não na tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não na tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Deploram-se, com razão, o péssimo uso que alguns fazem das suas riquezas, as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, e pergunta-se: Deus será justo, dando-as a tais criaturas? E exato que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. Carece, pois, o pobre de motivo assim para acusar a Providência, como para invejar os ricos e estes para se glorificarem do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis suntuárias que se remediará o mal. As leis podem, de momento, mudar o exterior, mas não logram mudar o coração; daí vem serem elas de duração efêmera e quase sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A verdadeira propriedade

9. O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, constitui a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; aprovisionai-vos de tudo o de que lá vos possais servir.

Ao viajante que chega a um albergue, bom alojamento é dado, se o pode pagar. A outro, de poucos recursos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir numa enxerga. O mesmo sucede ao homem, a sua chegada no mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres o lugar para onde vá. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? Que posição ocupavas? Eras príncipe ou operário? Perguntar-lhe-ão: Que trazes contigo? Não se lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, pode o operário ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, hás podido comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo

com os teus haveres. - *Pascal*. (Genebra, 1860.)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus freqüentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

Direis, porventura, que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porquanto uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. Contas serão pedidas até mesmo de um único ceitil mal ganho, isto é, com prejuízo de outrem. Mas, do fato de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, seguir-se-á que, ao morrer, alguma vantagem lhe advenha desse fato? Não são amiúde inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, porquanto, se Deus não quiser que ela lhes vá ter às mãos, nada prevalecerá contra a sua vontade. Poderá o homem usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Permitindo-lhe que a adquirisse, é possível haja Deus tido em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Se, porém, ele somente os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se lhe tornaram causa de falência, melhor fora não os ter possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa. - *M.*, Espírito protetor. (Bruxelas, 1861.)

Emprego da riqueza

11. Não podeis servir a Deus e a Mamom. Guardai bem isso em lembrança, vós, a quem o amor do ouro domina; vós, que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles permitem vos eleveis acima dos outros homens e vos proporcionam os gozos das paixões que vos escravizam. Não; não podeis servir a Deus e a Mamom! Se, pois, sentis vossa alma dominada pelas cobiças da carne, dai-vos pressa em alijar o jugo que vos oprime, porquanto Deus, justo e severo, vos dirá: Que fizeste, ecônomo infiel, dos bens que te confiei? Esse poderoso móvel de boas obras exclusivamente o empregaste na tua satisfação pessoal.

Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai - nestas palavras: "Amái-vos uns aos outros", a solução do problema. Elas guardam o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí toda traçada a sua linha de proceder. Na caridade está, para as riquezas, o emprego que mais apraz a Deus. Não nos referimos, é claro, a essa caridade fria e egoísta, que consiste em a criatura espalhar ao seu derredor o supérfluo de uma existência dourada. Referimo-nos à caridade plena de amor, que procura a desgraça e a ergue, sem a humilhar. Rico!... dá do que te sobra; faz mais: dá um pouco do que te é necessário,

porquanto o de que necessitas ainda é supérfluo. Mas, dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com receio de que te engane; vai às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, como os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca lhes faltará e que te trará grandes lucros: a das boas obras. A riqueza da inteligência debes utilizá-la como a do ouro. Derrama em tomo de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão. - *Cheverus*. (Bordéus, 1861.)

12. Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dais ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Que de penas, de amofinações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia, para aumentar haveres muitas vezes mais que suficientes! Por cúmulo de cegueira, freqüentemente se encontram pessoas, escravizadas a penosos trabalhos pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito - como se trabalhassem para os outros e não para si mesmas! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendedes movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais do vosso futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no vosso corpo haveis pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão animado e acariciado se tornou o vosso tirano; ele manda sobre o vosso Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus vos outorgou? - *Um Espírito Protetor*. (Cracóvia, 1861.)

13. Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja ele dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Dever, porem, igualmente imperioso e meritório é o de prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. Nem, pelo fato

de tirarem desses trabalhos legítimo proveito os que assim as empregam, deixaria de existir o bem resultante delas, porquanto o trabalho desenvolve a inteligência e exalta a dignidade do homem, facultando-lhe dizer, altivo, que ganha o pão que come, enquanto a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma mão deve ser qual fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu derredor. O vós, ricos, que a empregardes segundo as vistas do Senhor! O vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; já nesta existência fruireis os inefáveis gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que produzem no coração o vazio. Vossos nomes serão benditos na Terra e, quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirá, como na parábola dos talentos: “Bom e fiel servo, entra na alegria do teu Senhor.” Nessa parábola, o servidor que enterrou o dinheiro que lhe fora confiado é a representação dos avarentos, em cujas mãos se conserva improdutiva a riqueza. Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo e no país em que ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, pois: dai esmola quando for preciso; mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela. - *Fénelon*. (Argel, 1860.)

Desprendimento dos bens terrenos

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer-vos o meu óbolo, a fim de vos ajudar a avançar, desassombadamente, pela senda do aperfeiçoamento em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.

O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais. Sede sinceros: proporciona a riqueza uma felicidade sem mescla? Quando tendes cheios os cofres, não há sempre um vazio no vosso coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre oculto um réptil? Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna; mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração vai grande distância, tão grande quanto a que separa da prodigalidade exagerada a sórdida avareza, dois vícios entre os quais colocou Deus a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Quer a fortuna vos tenha vindo da vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus, tudo retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem sequer o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vo-los emprestou, tendes de lhos restituir; e ele

empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário.

Um dos vossos amigos vos empresta certa quantia. Por pouco honesto que sejais, fazeis questão de lha restituirdes escrupulosamente e lhe ficais agradecido. Pois bem: essa a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celestial, que lhe emprestou a riqueza, não querendo para si mais do que o amor e o reconhecimento do rico. Exige deste, porém, que a seu turno dê aos pobres, que são, tanto quanto ele, seus filhos.

Ardente e desvairada cobiça despertam nos vossos corações os bens que Deus vos confiou. Já pensastes, quando vos deixais apegar imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira como vós mesmos, que um dia tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vos veio dEle? Olvidais que, pela riqueza, vos revestistes do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serdes da aludida riqueza dispensadores inteligentes? Portanto, quando somente em vosso proveito usais do que se vos confiou, que sois, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos vossos deveres? A morte, inflexível, inexorável, rasga o véu sob que vos ocultáveis e vos força a prestar contas ao Amigo que vos favorecera e que nesse momento enverga diante de vós a toga de juiz.

Em vão procurais na Terra iludir-vos, colorindo com o nome de virtude o que as mais das vezes não passa de egoísmo. Em vão chamais economia e providência ao que apenas é cupidez e avareza, ou generosidade ao que não é senão prodigalidade em proveito vosso. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizará, amontoará ouro, para, diz ele, deixar aos filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. E muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar. Mas será sempre esse o único móvel a que ele obedece? Não será muitas vezes um compromisso com a sua consciência, para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Admitamos, no entanto, seja o amor paternal o único móvel que o guie. Será isso motivo para que esqueça seus irmãos perante Deus? Quando já ele tem o supérfluo, deixará na miséria os filhos, por lhes ficar um pouco menos desse supérfluo? Não será, antes, dar-lhes uma lição de egoísmo e endurecer-lhes os corações? Não será estiolar neles o amor ao próximo? Pais e mães, laborais em grande erro, se credes que desse modo granjeais maior afeição dos vossos filhos. Ensinando-lhes a ser egoístas para com os outros, ensinai-lhes a sê-lo para com vos mesmos.

A um homem que muito haja trabalhado, e que com o suor de seu rosto acumulou bens, é comum ouvirdes dizer que, quando o dinheiro é ganho, melhor se lhe conhece o valor. Nada mais exato. Pois bem! Pratique a caridade, dentro das suas possibilidades, esse homem que declara conhecer todo o valor do dinheiro, e maior será o seu merecimento, do que o daquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas, também, se esse homem, que se recorda dos seus penares, dos seus esforços, for egoísta, impiedoso para com os pobres, bem mais culpado se torna-

rá do que o outro, pois, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais propenso deve sentir-se em aliviá-las nos outros.

Infelizmente, sempre há no homem que possui bens de fortuna um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não raro, vê-se o arrivista atordoar, com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, o desgraçado que lhe pede assistência, em vez de acudi-lo, e acabar dizendo: “Faça o que eu fiz.” Segundo o seu modo de ver, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que conseguiu acumular; pertence-lhe a ele, exclusivamente, o mérito de a possuir. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra.

Esbanjar a riqueza não é demonstrar desprendimento dos bens terrenos: é des-caso e indiferença. Depositário desses bens, não tem o homem o direito de os dilapidar, como não tem o de os confiscar em seu proveito. Prodigalidade não é generosidade: é, freqüentemente, uma modalidade do egoísmo. Um, que despenda a mancheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-los. Se, por efeito de imprevistos reveses, vos tornardes qual Job, dizei, como ele: “Senhor, tu mos havias dado e mos tiraste. Faça-se a tua vontade.” Eis aí o verdadeiro desprendimento. Sede, antes de tudo, submissos; confiai nAquele que, tendo-vos dado e tirado, pode novamente restituir-vos o que vos tirou. Resisti animosos ao abatimento, ao desespero, que vos paralisam as forças. Quando Deus vos desferir um golpe, não esqueçais nunca que, ao lado da mais rude prova, coloca sempre uma consolação. Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa idéia vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa faz que menos sensível seja a sua perda. O homem que se aferra aos bens terrenos é como a criança que somente vê o momento que passa. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas proféticas palavras do Salvador: “O meu reino não é deste mundo.”

A ninguém ordena o Senhor que se despoje do que possua, condenando-se a uma voluntária mendicidade, porquanto o que tal fizesse tornar-se-ia em carga para a sociedade. Proceder assim fora compreender mal o desprendimento dos bens terrenos. Fora egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem bem lhe parece, a fim de que a administre em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus a outorga, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer, gerindo-a com critério. Sabendo prescindir dela quando não a tem, sabendo empregá-la util-

mente quando a possui, sabendo sacrificá-la quando necessário, procede a criatura de acordo com os desígnios do Senhor. Diga, pois, aquele a cujas mãos venha o que no mundo se chama uma boa fortuna: Meu Deus, tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a tua santa vontade.

Aí tendes, meus amigos, o que eu vos queria ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porquanto a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que os bens de que dispodes apenas vos estão confiados e que tendes de justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela. Não sejais depositário infiel, utilizando-os unicamente em satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade. Não vos julgueis com o direito de dispor em vosso exclusivo proveito daquilo que recebestes, não por doação, mas simplesmente como empréstimo. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres, salda a dívida que contraiu com Deus. - *Lacordaire*. (Constantina, 1863.)

Transmissão de riqueza

15. *O principio, segundo o qual ele é apenas depositário da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida, tira ao homem o direito de transmiti-la aos seus descendentes?*

O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir que aqueles descendentes gozem do que lhes foi transmitido. Não é outra a razão por que desmoronam fortunas que parecem solidamente constituídas. E, pois, impotente a vontade do homem para conservar nas mãos da sua descendência a fortuna que possui. Isso, entretanto, não o priva do direito de transmitir o empréstimo que recebeu de Deus, uma vez que Deus pode retirá-lo, quando o julgue oportuno. - *São Luís*. (Paris, 1860.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. VI, v. 24-34. - LUCAS, Cap. XVI, v. 13-15, e Cap. XII, v. 22-31

Servir a Deus e não a Mamon. - Nada de preocupação exclusiva com as coisas materiais. - Confiar em Deus, procurando os caminhos que levam a ele.

MATEUS: V. 24. Ninguém pode servir a dois senhores, porque, ou odiará a um e amará o outro, ou se submeterá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon. - 25. Eis porque vos digo: não vos inquieteis pelo que comereis para o sustento da vossa vida, nem com que vestireis o vosso corpo. A vida não é muito mais do que o alimento e o corpo muito mais do que as roupas? - 26. Vede as aves do céu: não semeiam, não ceifam, não enchem celeiros e, entretanto, vosso Pai celestial as alimenta. Não sois muito mais do que elas? - 27. E qual de vós pode, pelo seu engenho, acrescentar um côvado à sua estatura? - 28. E com as vestes, porque vos inquietais? Considerai como crescem os lírios do campo: não trabalham, nem fiam. - 29. E eu vos digo que, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória jamais vestiu como um deles. - 30. Se, pois, Deus cuida de vestir assim o feno dos campos, que hoje existe e amanhã será lançado ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé! - 31. Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos? - ou: que beberemos? ou: como nos vestiremos? -32, à semelhança dos gentios que se azafamam por essas coisas, porquanto vosso Pai sabe que delas precisais. - 33. Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo. - 34. Assim, não vos inquieteis pelo dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidara de si mesmo. Basta a cada dia a sua própria aflição.

LUCAS: V. 13. Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiara a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon.-14. Os fariseus, que eram avarentos, ouvindo-lhe todas estas coisas, zom- bavam dele. - 15. Jesus lhes disse: Ponde grande cuidado em parecer justos aos homens; mas, Deus conhece os vossos corações; pois, o que é elevado aos olhos dos homens é abominação aos olhos de Deus.

XII, v. 22. E disse a seus discípulos: Portanto, eu vos digo: não vos inquieteis pela vossa vida, cuidando do que comereis, nem pelo vosso corpo, procurando com que o cubrais. - 23. A vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. - 24. Considerai os corvos: não semeiam, nem ceifam, não têm dispensa nem celeiro e Deus os sustenta. Não valeis mais do que eles? - 25. Mas, qual de vós o que, pelo seu engenho, possa aumentar um côvado à sua estatura? - 26. Se as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras? - 27. Vede como crescem os lírios; não trabalham, nem fiam e,

entretanto, eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, jamais vestiu como qualquer deles. - 28. Ora, se Deus veste dessa maneira o feno que hoje está nos campos e amanhã será lançado no forno, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé! - 29. Não vos atribuleis, pois, pelo que haveis de comer ou de beber; não fique em suspenso o vosso espírito. - 30. As gentes do mundo é que procuram todas essas coisas; vosso Pai sabe que delas tendes necessidade. - 31. Procurai, portanto, primeira-mente, o reino de Deus e a sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo.

N. 95. Têm estas palavras de Jesus por objetivo afastar da matéria o homem, obrigá-lo a encarar frente o escopo que lhe cumpre atingir e que ele deve colocar acima de tudo: a vida eterna, isto é, a vida do Espírito puro, do Espírito que, tendo concluído todas as suas provas, chegou ao supremo grau de pureza, donde começa a compreender quem é Deus e a gozar, na eternidade, a vida espiritual, a vida espírita, aproximando-se cada vez mais do foco da onipotência, sem que, entretanto, como já o dissemos, chegue *jamais* a igualar-se à divindade.

Jesus falava a homens maculados por instintos grosseiros, tinha que combater naturezas rebeldes. Era, pois, obrigado a vibrar golpes que, só sendo muito violentos, lhes repercutiriam, ainda assim fracamente, nas almas endurecidas.

Ninguém deduza das suas palavras que o homem deva entregar inteiramente sua existência e seu futuro humanos aos cuidados exclusivos de Deus. Trabalhador que é, corre-lhe o dever de dar conta da sua tarefa. Sujeito, na sua qualidade de homem, às necessidades do gênero humano, está na obrigação de angariar pelo trabalho os meios de manter a sua existência humana, lembrando-se de que dia virá em que as forças faltarão ao operário.

Aquele, portanto, que puder armazenar *lealmente, sem quebra da sua integridade moral aos olhos do Senhor*, os grãos com que na velhice fabrique o seu pão, deve fazê-lo sem temor, enquanto a idade lho permita; fazê-lo com cuidado, sem desperdiçar a menor parcela, pois terá que prestar contas aos irmãos que não conseguiram mais do que catar algumas espigas para o sustento diuturno e que necessitarão de uma parte dos grãos que o Senhor lhe permitiu colher abundantemente.

Trabalhai de acordo com as vossas forças e os vossos meios e pensai sempre nos que não puderam ou não podem mais fazê-lo. Deus abençoa os corações puros e as boas intenções.

Não podeis servir a Deus e a Mamom. Mamom era uma divindade que os povos antigos adoravam, feita de prata ou de ouro, principalmente de ouro, representando mais ou menos o que representava o Júpiter dos romanos, isto é, os vícios da humanidade com todo o seu cortejo, o que explica o pensamento de Jesus: “*Não podeis servir a dois senhores ao mesmo tempo*”.

Não podeis viver a vida que agrada a Deus, praticando os desregramentos a que vos arrasta a vida mundana. Não podeis ter ao mesmo tempo em vossa alma - o

amor e o egoísmo; a caridade e a avareza; o desprendimento e a cólera; a mansidão, a humildade de espírito, a simplicidade do coração e o orgulho; a atividade pelo trabalho material e a preguiça; a bondade para todos e o gosto do assassinio e das violências. Ou amareis a um e odiareis a outro, ou servireis a este e desprezareis aquele.

Quem se *consagra* aos bens terrenos não pode praticar o desprendimento que o progresso espiritual exige.

Aos fariseus dos vossos dias, luxuosos, orgulhosos, avarentos, que zombam das nossas palavras, dizemos, como disse Jesus aos fariseus de outrora: *Pondes muito cuidado em parecer justos perante os homens, mas Deus vos conhece os corações; e o que é grande aos olhos dos homens é abominável aos olhos de Deus*". Quer dizer: geralmente, a riqueza, a glória, o orgulho, por eles divinizados, são o que os homens consideram elevado e vós sabeis que o Senhor ama os de espírito humilde, os de coração simples e bondoso.

As palavras de Jesus, constantes dos v. 25-26 e 28-34 de Mateus e dos v. 22-24 e 28-30 de Lucas, na linguagem oriental apropriada às inteligências da época, eram particularmente dirigidas aos que, totalmente preocupados com as riquezas materiais, nada vêem além delas e nada fazem que não seja o que lhes possa melhorar o bem-estar e aumentar a fortuna; aos que cultivam o corpo como planta preciosa e descaram da alma, único bem que deveram vigiar atentamente. Jesus falava a homens materiais cúpidos. Precisava ser enérgico para que alguma coisa ficasse do que dizia. Seus ensinamentos atingiam sempre a chaga que ele queria cauterizar.

Por aquelas palavras, o Mestre reconduz o homem ao seu ponto de partida - Deus, que, criador de todas as coisas, vela, com igual solicitude, por tudo o que lhe saiu das mãos, dando a cada um o que lhe é necessário. Assim é que dá à *matéria* o alimento *material*, ao *Espírito* o alimento *espiritual*. Releva, porém, acentuar bastante aqui, tal a disposição constante no homem para ultrapassar a meta que se lhe indica, que Jesus não aconselha aos seres dotados de razão que esperem inativos praza ao Senhor alimentá-los, como alimenta os pássaros e vesti-los como veste os lírios.

É dever do homem confiar no Senhor, certo de que ele proverá ao que lhe for preciso, ao que for para seu bem; mas, cumpre, do mesmo passo, que empregue *suas faculdades, sua atividade, sua energia*, em alcançar, pelo trabalho, a proteção de Deus.

O lírio aguarda no seio da terra que o Senhor, desenvolvendo-o, lhe prepare a roupagem que o fará brilhar aos olhos dos humanos e lhe outorgará o cetro de rei das flores dos campos. O homem deve esperar que a vontade de Deus desenvolva nele as virtudes que o farão brilhar aos olhos de seus irmãos, mas deve esperá-lo *em atividade*. Deus ajuda a quem trabalha. Não procureis, pois, nas palavras de Jesus um pretexto para a *fatalidade*, ou para a *incúria*.

Apreendi igualmente bem o sentido destas outras palavras:

"Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porquanto o dia de amanhã cuidará de si mesmo; - a *cada dia basta a sua própria aflição*.

O que se deve deduzir delas, *conforme ao espírito que vivifica* e não *conforme à letra que mata*, é que Jesus condena o excesso de cuidados com a vida e não a necessidade. Importa que o homem cuide de manter a sua existência. Ele não pode e não deve ser menos providente do que certos animais no tocante ao futuro, mas, também, não deve concentrar todos os seus pensamentos, todos os seus desejos na acumulação dos bens mundanos. Cumpre-lhe ser providente, porém, nunca, ambicioso. Se, mau grado à sua providência, o futuro lhe falha, confie no Senhor, que sabe o que convém a cada um e permite que *a provação purifique a criatura e assim a torne digna do Criador*.

“Qual de vós, disse Jesus, pode, com toda a sua inteligência, com todos os seus cuidados, aumentar de uma polegada a altura do seu talhe? Se, pois, as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras?”

Eis, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance destas palavras: O homem não deve pretender à viva força mudar a face aos acontecimentos que Deus prepara. Deve, ao contrário, fazer tudo o que estiver ao seu alcance para torná-los úteis à sua salvação e glorificadores de Deus. Nunca deverá tentar desnaturá-los. Uma vez realizados, não tem que dizer: “Se eu houvera procedido desta ou daquela maneira, isto não sucederia”. E mister veja no fato ocorrido *uma conseqüência da sua posição na terra, um efeito das suas provações, ou um corolário das suas fraquezas que ocasionaram a falta, a imprudência ou a negligência*, e reconheça que Deus tudo dirige e governa sempre visando o bem *futuro* do Espírito encarnado.

“Buscai”, disse ainda o Mestre, “primeiramente” o *reino de Deus e a sua justiça* e o *resto será dado de acréscimo*.”

O dever primordial do homem é viver segundo as vontades do Senhor, por isso que, uma vez que enverede pela senda da pureza, atrairá sobre si as bênçãos do pai celestial, bênçãos que receberá na sua significação real. Não se trata de bênçãos materiais, úteis unicamente ao que há de perecível em vós, ao que mais vos inquieta e sim de bênçãos abundantes que concorrerão para vos purificardes mais e mais, fazendo-vos compreender que os sofrimentos, as dores corporais são outras tantas bênçãos do Senhor, pois que vos depuram o Espírito, rompem os laços que o encadeiam à Terra e lhe permitem, mesmo durante a miserável existência terrena, encaminhar-se para as regiões da felicidade eterna.

Quando a humanidade tiver chegado ao grau de pureza moral que há de adquirir, *as questões relativas*, às leis morais conforme vo-las explicam os Espíritos do Senhor, às leis de *adoração, trabalho, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade*, se resolverão facilmente, porque os bens, tanto materiais, como morais e intelectuais, não mais pertencerão a *este ou àquele*, visto que cada um será por todos e todos serão por um. Quer isto dizer que os filhos do pai celestial viverão como membros de uma grande família, unidos pelo desejo de se auxiliarem mutuamente e auxiliando-se de modo eficaz. Longe, porém, ainda muito

longe vêm esses tempos! Assim, não tenteis introduzir prematuramente, em vossos costumes e leis, mudanças que não de ser fruto da que se operará nos vossos corações, trazendo consigo, pela prática da solidariedade e da fraternidade, o desenvolvimento das inteligências, da instrução, da ciência e do amor, o bem-estar moral e, conseqüentemente, o bem-estar material.

Disse também Jesus: *“A cada dia basta a sua aflição, o seu labor”*.

Lavradores de almas, conduzis a charrua por ingratos terrenos. Nós preparamos a semente e somos obrigados a escolhê-la com cuidado, porquanto em bem poucos lugares pode germinar.

Esperai, porém, que a hora da colheita soe. O Senhor chamará então seus trabalhadores operosos. Dos quatro cantos do vento retumbará a trombeta e os obreiros diligentes poderão admirar as numerosas espigas que semearam nos sulcos feitos pelo arado. Coragem! coragem! os tempos chegarão!

Sim, que Jesus disse: *“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão”*. Nenhuma só das palavras que de seus lábios saíram deixará de cumprir-se; mas, para o Senhor, o tempo não tem limites, como não tem mesmo para vós. Quando houverdes transposto a barreira que vos detém; quando, transpondo-a, vos afastardes da morada da matéria, de regresso à vossa verdadeira pátria, apreciareis os progressos da humanidade, tendo debaixo da vista, de um lado, a revelação do Cristo e, de outro, o cumprimento integral dessa revelação.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XIX, vv. 16-26. - MARCOS, Capítulo X, vv. 17-27.
- LUCAS, Cap. XVIII, vv. 18-27

Parábola do mancebo rico

MATEUS: V. 16. Eis que um mancebo, dele se aproximando, lhe disse: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? - 17. Jesus lhe respondeu: Porque me chamas bom? Bom só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. - 18. Perguntou-lhe o mancebo: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho; - 19, honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo. - 20. Retrucou o mancebo: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha juventude; que mais me falta? - 21. Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. - 22. Ao ouvir essas palavras, o mancebo se retirou triste, porque muitos eram os bens que possuía. - 23. Disse então Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que difícil é um rico entrar no reino dos céus. - 24. Digo-vos mais ainda: É mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino do céu. - 25. Ouvindo isto, seus discípulos, muito espantados, perguntaram: Quem pode então ser salvo? - 26. Jesus, fitando neles o olhar, disse: Impossível é isto para os homens, mas para Deus tudo é possível.

MARCOS: V. 17. E, indo ele pela via pública, um homem veio a correr e, ajoelhando-se-lhe aos pés, lhe falou assim: Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? - 18. Disse Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. - 19. Conheces os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não praticarás fraude, honra a teu pai e a tua mãe. - 20. Ao que o homem retrucou: Mestre, todas essas coisas tenho eu observado desde a minha mocidade. - 21. Jesus, olhando para ele com amor, lhe disse: Falta-te ainda uma coisa: vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. - 22. Mas o homem, aflito com aquelas palavras, se retirou triste, pois possuía grandes riquezas. - 23. Jesus, olhando à volta de si, disse a seus discípulos: Quão difícil é que entrem no reino de Deus os que possuem riquezas! - 24. E como os discípulos se mostrassem espantados com as suas palavras, ele lhes repetiu: Filhinhos, quão difícil é que entrem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! - 25. Mais fácil é que um camelo passe por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino de Deus. - 26. Maior ainda se tornou o espanto dos discípulos, que uns aos outros diziam: Quem pode então ser salvo? - 27. Jesus,

porém, fitando-os, disse: Isto para os homens é impossível, mas não para Deus, a quem tudo é possível.

LUCAS: V. 18. Um homem de destaque o interrogou por esta forma: Bom Mestre, que hei de fazer para ganhar a vida eterna? - 19. Respondeu-lhe Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. - 20. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. - 21. Replicou o homem: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha mocidade. - 22. Ouvindo isso, disse-lhe Jesus: Ainda uma coisa te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. - 23. O homem, porém, tendo escutado essas palavras, se entristeceu, pois que era muito rico. - 24. Vendo Jesus que ele ficara triste, disse: Quão, difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus! - 25. Mais fácil é um camelo passar por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus. - 26. Os que o ouviam lhe disseram: Quem pode então ser salvo? - 27. Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível para os homens é possível a Deus.

N. 239. O mancebo, impelido por uma influência espírita a ir ter com Jesus, tinha que servir de exemplo e de lição aos que o cercavam.

Naquela circunstância, como sempre que era conveniente ou oportuno, Jesus recorreu a imagens e locuções materiais, com o fim de tocar e impressionar fortemente as inteligências da época, de servir ao presente e preparar o futuro, de extirpar o egoísmo e o apego aos bens terrenos, de preparar o advento do espírito, para quando o reinado da letra houvesse produzido todos os seus frutos.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 17-18; Lucas, vv. 18-19.) Com esta observação "só Deus é bom", Jesus proscovia de antemão toda a divindade que os homens, sabia-o ele pela sua presciência, lhe haviam de atribuir. Dá a entender (e deveram tê-lo notado mais cedo) que, conquanto se cognominasse de filho de Deus, conquanto o anjo o tivesse designado por filho do Altíssimo na revelação feita a Maria, ele não se considerava Deus, de quem, falando mais tarde, disse ser o único Deus verdadeiro, uno, indivisível, criador incriado, que cria, mas não pelo fracionamento da sua essência. Se assim não fora, o qualificativo de bom lhe pertencia a ele Jesus, que era bom por excelência, entre e acima dos homens. Dá, pois, a entender que é filho de Deus ou filho do Altíssimo (o que vem a ser o mesmo, porquanto o Altíssimo é Deus) no sentido das palavras pronunciadas pelo profeta (Salmo 81, vv. 1-6) e que se aplicam igualmente a todos os Espíritos criados. Dá a entender, finalmente, que, em face do monoteísmo do Deus de Israel, ninguém poderia chamar-lhe Deus, senão no sentido de tais palavras, colocando-o segundo o politeísmo antigo, na categoria "dos Deuses", sem que, entretanto, ele deixasse de ser, como todos os Espíritos criados, filho do Altíssimo (do Deus dos Deuses, conforme ao Salmo citado).

A vida eterna, que, do ponto de vista espírita, é a vida normal e final do Espírito, este não a ganha senão quando haja atingido a perfeição moral, senão quando, chegado à condição de puro Espírito, liberto de todas as influências da matéria, vem a achar-se em relação direta com o seu Criador, podendo, então, dizer, como Jesus : "Meu pai e eu somos um."

(Mateus, vv. 18-19-20-21; Marcos, vv. 20-21; Lucas, vv. 20-21-22.) Jesus lembra os mandamentos a que os homens devem obedecer, dados por Moisés aos Hebreus, e que se resumem no seguinte: jamais fazer aos outros o que não quisermos que nos façam, observando o Decálogo e abstendo-nos de praticar, por pensamento, por palavra e por obra, qualquer deslealdade, de cometer qualquer fraude contra os nossos irmãos, material, moral, ou intelectualmente; - fazer aos outros tudo quanto quereríamos que nos fizessem, amando o nosso próximo como a nós mesmos, praticando para com ele a justiça, a caridade material e moral, o devotamento e a renúncia de si mesmo.

O sacrifício imposto ao mancebo tinha por fim mostrar, não que ninguém possa chegar a Deus senão despojando-se de todos os bens humanos, mas apenas que nenhum fruto produz a prática das virtudes e dos mandamentos, se não é escoimada de egoísmo e santificada pela caridade. A caridade e o esquecimento de si mesmo faltavam àquele mancebo. Por isso foi que Jesus lhe disse : "Ainda te falta uma coisa", velando com a letra da imposição de um sacrifício absoluto dos bens humanos, para melhor tocar as inteligências dos homens materiais a quem falava, o espírito do ensinamento moral que a revelação espírita, cujos órgãos somos, explicaria às gerações vindouras, quando estas se mostrassem capazes de o suportar. Esse ensinamento era o de que onde está o tesouro lá também está sempre o coração.

(Mateus, vv. 22-23-24; Marcos, vv. 23-24-25; Lucas, vv. 23-24-25.) Jesus, que lia o pensamento do seu interlocutor, lhe pressentira a tristeza. Daí vem o ter escolhido o momento em que ele se dispunha a retirar-se para dirigir aos discípulos estas palavras, que o mancebo ouviu antes de se afastar dali:

"Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus, no reino dos céus."

E acrescentando ao que dissera esta imagem material: "Mais fácil é que um camelo, ou um cabo, passe por um fundo de agulha, do que entrar um rico no reino de Deus, no reino dos céus", ele o fez para tocar e impressionar fortemente a inteligência das massas, proclamar que fora da caridade não há salvação e também para preparar as gerações futuras a compreenderem, pela revelação espírita, que a riqueza constitui, para o homem, uma das provas mais temíveis, um obstáculo absoluto a todo progresso moral, quando, nas suas mãos, não se torna um instrumento e um meio de praticar a caridade e o amor para com seus irmãos.

Da riqueza se originam geralmente o egoísmo e o apego aos bens terrenos. E o homem não pode progredir rapidamente sem ser por meio da caridade, da abnegação, da renúncia de si mesmo.

A justiça se contém nos limites do justo e do injusto, do direito e do ilegal. Aquele

que pratica a justiça no sentido humano nem sempre pratica a caridade. Aquele, porém, que pratica a justiça e a misericórdia pratica a caridade, pois que a misericórdia é uma com a caridade.

A caridade não tem limites, deve estar sempre pronta a todo sacrifício útil aos outros e deve ser sempre impessoal. Com as mãos sempre estendidas para todos os sofrimentos, para todas as necessidades, cumpre-lhe ir ao encontro destas e daquelas, prevê-las, adivinhá-las. Sua ação incessante deve fazer-se sentir não só sobre os homens, mas também sobre os animais, por mais ínfimos que pareçam. A caridade é a providência oculta no fundo do coração do homem, a espalhar de lá seus benefícios por sobre a natureza inteira. Fazei aos outros o que querieis que vos fizessem, porque então não lhes fareis o que não quiserdes que vos façam.

O devotamento é uma consequência da caridade. Especificamo-lo para imprimir mais força à explicação, visto que os homens limitam a caridade à esmola que dão do que lhes sobra.

A renúncia de si mesmo decorre, como o devotamento, da caridade. Podeis praticar a caridade sem devotamento, mas, em tal caso, ela será estéril. A verdadeira caridade sai do coração e o devotamento a acompanha sempre. Mas, não podeis ser devotados aos vossos irmãos sem a renúncia de vós mesmos, porquanto penosos sacrifícios necessariamente vos impõe o devotamento que tenha por móvel a caridade, feita com sinceridade de coração. É uma trilogia inseparável.

Tampouco é possível que a caridade seja desacompanhada do desinteresse. Do ponto de vista material, a verdadeira caridade é e deve ser desinteressada. Não só deve ser praticada sem o objetivo de qualquer remuneração, porque em tal caso perde o direito ao título de caridade, como não deve sequer objetivar as recompensas celestes, porque então ainda será egoísmo. A doce caridade tem que ser praticada colimando o bem que possa produzir, as conversões que possa operar por amor do próximo e não de si mesmo. Quem dá ao pobre, qualquer que seja a sua pobreza, seja de ordem material, de ordem moral, ou de ordem intelectual, empresta a Deus.

Guardai-vos, ó bem-amados, de contar com juros de usurários, pois que então perderíeis o vosso capital.

Sim, a caridade deve ser devotada, desinteressada, ativa, valorosa e praticada com a renúncia de si mesmo; deve possuir todas as virtudes e todas as coragens; ir aos campos de batalha, por sob o chuveiro das balas, socorrer os moribundos e os feridos, exortá-los ao arrependimento; deve ocultar-se nas pocilgas, para fazer brilhar ai uma centelha que aqueça os corações e ilumine as inteligências; subir os degraus dos tronos, para dizer a verdade e rasgar a venda com que o orgulho ou a lisonja cobrem os olhos dos que cingem uma coroa; deve apanhar da lama o pobre a quem falta o pão de cada dia; deve, usando de palavras brandas, abater o orgulho do poderoso; fortalecer a coragem e a energia do fraco; deve ter os olhos constantemente abertos e voltados para todos os lados, a fim de descobrir os sofrimentos, as fraquezas, as faltas, morais ou físicas, e dispor de mil mãos sempre prontas a socorrê-los.

(Mateus, vv. 25-26; Marcos, vv. 26-27; Lucas, vv. 26-27.) À vista do diálogo que vinha de travar-se entre Jesus e o mancebo, profundamente espantados das palavras que o Mestre acabava de lhes dirigir e sobretudo da imagem material de que se servira e que lhes parecia querer significar que a entrada "no reino de Deus, no reino dos céus" estava para sempre interdita a todo homem rico, mesmo quando houvesse, como aquele mancebo, guardado os mandamentos, perguntaram os discípulos: Então, quem pode ser salvo? - Ao que, fitando-os, respondeu Jesus: "Isto é impossível para os homens, mas não para Deus, porquanto a Deus tudo é possível; o que é impossível aos homens é possível a Deus".

O espanto dos discípulos nasceu do fato de não terem eles, que só atentaram na letra, percebido senão as dificuldades da conquista do reino do céu. Não perceberam os meios concedidos para se vencerem tais dificuldades e alcançar-se o objetivo. Quem pode então salvar o homem?

E, se só Deus o pode salvar, para que servem as obras e a fé? - Esta questão tem sido formulada muitas vezes.

Pode porventura o homem, na sua curta existência, depurar-se bastante para se salvar? Poderão seus atos ser tão bons e sua fé tão viva que lhe assegurem a salvação?

Quem o pode então salvar, desde que só a perfeição o levará aos pés do Senhor?

Quem o pode então salvar, senão Deus, pai terno e indulgente, que concede tempo a todos para se purificarem, que releva ao mau servo a dívida até que ele a possa pagar? que concede às suas criaturas o tempo, agente poderoso, com cujo auxílio chega o homem a alcançar a meta, por mais afastado que dela se ache e por mais escabrosa que seja a estrada que lhe cumpra percorrer? Só Deus é bom, só Deus salva, porque só Deus tem indulgência e longanimidade, só Deus tem nas suas mãos a duração do tempo.

O homem carece de capacidade para julgar por si mesmo do grau de pureza que lhe é necessário para elevar-se. Só Deus pode julgar. À revelação espírita estava reservado esclarecer, aos olhos de todos, na época predita pelos Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, o sentido das palavras de Jesus veladas pela letra e indicar os meios que Deus concede a seus filhos para vencerem as dificuldades e atingirem o fim. Esses meios são o renascimento, a reencarnação, a princípio expiatória e precedida, no espaço, da expiação proporcionada e apropriada às faltas cometidas, depois e por fim gloriosa, dando entrada ao Espírito no reino de Deus, no reino dos céus, isto é: permitindo-lhe atingir a perfeição moral.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

LUCAS, Cap. XII, v 13-21

**A avareza. - Rico exclusivamente preocupado com as coisas da terra.
- Rico em Deus**

V. 13. Disse-lhe então um homem, do meio da multidão: Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança. - 14. Jesus, porém, respondeu: Homem, quem me constituiu vosso juiz ou partidador? - 15. Depois acrescentou: Cuidado, preservai-vos de toda a avareza, porque a vida de cada um não está na abundância dos bens que possua. - 16. Em seguida, disse-lhes esta parábola: Havia um homem riquíssimo cujas terras produziram abundantes frutos; - 17. e que pensava consigo mesmo: que hei de fazer, não tendo onde guardar o que colhi? - 18. Disse afinal: farei isto: demolirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí amontoarei toda a minha colheita e os meus bens; - 19, e direi à minh'alma: alma, tens de reserva para longos anos muitos bens; repousa, come, bebe, regala-te. - 20. Mas, Deus disse a esse homem: Insensato, esta noite mesma virão demandar tua alma e as coisas que entesouraste de quem serão? - 21. Assim acontece àquele que entesoura para si e que não é rico em Deus.

N.94. Jesus não viera para reinar sobre o mundo perecível, nem para promulgar leis materiais.

Qual era o fim da sua missão? - desprender da matéria homens materiais, quebrar-lhes os ídolos carnis, para lhes elevar os Espíritos. Cumpria-lhe, portanto, bater com força, pois que suas pancadas ainda não repercutiam senão muito fracamente.

Tais o sentido, segundo o espírito, e o objetivo desta parábola.

Estais hoje mais adiantados e, no entanto, quantas vezes nos vemos obrigados a repetir com Jesus: amontoai vosso tesouro lá onde a ferrugem não corrói, onde os vermes não devoram, onde os ladrões não roubam!

Quanto dentre vós, apesar de todos os nossos cuidados, apesar de lhes ser pregado todos os dias o Evangelho, só em suas riquezas confiam, amontoando tesouros de lama e enterrando-se neles até aos olhos!

Pensai na vossa alma, porquanto esta noite mesma a morte pode vir surpreender-vos. Sede, no momento que a alma vos for arrebatada, ricos em Deus pela prática constante do amor e da caridade, esforçando-vos, a todas as horas, a todos os instantes, por vos libertardes das influências da matéria, dos desejos e apetites materiais com que vos tentam a sensualidade, o orgulho, o egoísmo, a avareza, na conformidade das vossas tendências naturais.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

LUCAS, Cap. XIX, vv. 1-10

Conversão de Zaqueu

V. 1. Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. - 2. Vivia ali um homem, chamado Zaqueu, que era dos principais entre os publicanos, rico - 3, e que procurava ver a Jesus para o conhecer, o que não podia conseguir devido à multidão, pois que ele era de muito baixa estatura. - 4. Correndo então adiante de todos, subiu a um sicômoro para o ver, porquanto por ali havia Jesus de passar. - 5. Chegando ao lugar onde ele se achava, Jesus levantou os olhos, o viu e lhe disse: Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa. - 6. Zaqueu desceu a toda pressa e o recebeu com alegria. - 7. Todos os que isso presenciaram murmuravam, por ter ele ido hospedar-se em casa de um homem pecador. - 8. Entretanto, Zaqueu, prostrando-se diante do Mestre, lhe disse : Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se nalguma coisa defraudei a alguém, restituir-lhe-ei o quádruplo. - 9. Sobre o que, disse Jesus: Hoje entrou nesta casa a salvação, pois este também é filho de Abraão. - 10. Porque, o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido.

N. 245. Fáceis são de aprender-se as conseqüências deste fato.

Jesus viera em socorro dos que se perdiam. Sua moral persuasiva frutificava em alguns corações e os que tratavam de a pôr em prática eram salvos, pois entravam no caminho do progresso rápido e contínuo.

A moral de Jesus, sempre pura, sempre confortante, esteve e ainda está sob as vossas vistas. Ouvis os que a pregam, mas, infelizmente, na vossa maioria, não procurais aplicá-la a vós mesmos. De quem a culpa: dos que falam ou dos que ouvem?

Fazei como Zaqueu, ó bem amados: Dai-vos pressa em preparar a vossa casa, para nela receberdes o Senhor. Preparai a depuração do vosso planeta, purificando-vos. Escutai e aplicai as palavras de Jesus. Reparai sem demora os danos que porventura tendes causado aos vossos irmãos, quer por palavras quer por atos. Voltai-vos seriamente para vós mesmos e podereis, como Zaqueu, ouvir, repercutindo suavemente no fundo de vossos corações, as palavras do Mestre.

Sereis também, como Zaqueu, "filhos de Abraão". Para os Judeus, estas palavras - "filho de Abraão" - significavam: "herdeiro do céu". Todo aquele que volve ao bom caminho é, pois, desse ponto de vista, "um filho de Abraão".

Na passagem que estamos apreciando, Jesus repete estas palavras: "o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido". Já explicamos (n. 204, v. 11 de Mateus) o sentido e o alcance delas.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I
LUCAS Cap. XVI, v. 19-31

Parábola do mau rico e do pobre paciente
e resignado

V. 19. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e finíssimo linho e se banqueteara magnificamente todos os dias. -20. Havia também um pobre mendigo chamado Lázaro, que jazia coberto de úlceras à porta do rico, - 21, e que bem quisera saciar-se com as migalhas que caíam da mesa deste, mas ninguém lhas dava: e os cães vinham lambê-lo as chagas. - 22. Ora, aconteceu que o mendigo morreu e foi transportado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também e teve o inferno por sepultura. - 23. Quando este, dentre os seus tormentos, levantou os olhos e ao longe viu Lázaro no seio de Abraão, - 24, disse em gritos estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro para que, molhando n'gua a ponta do dedo, me refresque a língua. pois sofro tormentos nestas chagas. - 25. Mas, Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembra-te de que recebeste bens em tua vida e de que Lázaro só teve males; por isso ele agora é consolado e tu és atormentado. - 26. Demais, grande abismo existe entre nós e vós; de modo que os que querem passar daqui para lá não o podem, como também não se pede passar de lá para cá. - 27. Disse o rico: Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes a casa de meu pai, -28, onde tenho cinco irmãos, para lhes dar testemunho destas coisas, a fim de que eles não venham a cair neste lugar de tormentos. - 29. Abraão lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem. - 30. Não, pai Abraão, disse o rico, se algum dos mortos lhes for falar, eles farão penitência. - 31. Abraão respondeu: Se não escutam nem a Moisés, nem aos profetas, não acreditarão do mesmo modo, ainda que algum dos mortos ressuscitasse.

N. 96. O rico, de coração duro e egoísta, sofre o castigo de suas faltas, tem assim por sepultura o inferno, ao passo que o desgraçado, resignado e paciente, recebe a recompensa de suas dores.

O castigo há que seguir seu curso. Só o arrependimento lhe pode abreviar a duração.

Por mais esforços que faça, não logra o justo deter a justiça do Senhor, enquanto o culpado não se houver arrependido. E, no caso, o rico sofria, mas não se arrependera.

A solicitude que manifestava para com os irmãos provinha do desejo de que estes evitassem a causa daqueles sofrimentos; não era fruto do arrependimento. No apelo que faz, há um pedido, não há pesar. Lázaro, no seio de Abraão, continua a ser para ele o pobre, o homem do povo, servo nato do rico, mesmo no inferno, isto é,

mesmo quando o rico está sofrendo o castigo.

Repassado de infantil simplicidade, apropriado aos tempos, composto em termos imagnosos, de natureza a ferir e impressionar as inteligências da época, aquele diálogo visava os que se achavam em condições de compreendê-lo; mas, é também dirigido a vós outros que julgais a vossa inteligência muito acima de tal linguagem.

Por ele se vos diz: Homens, não caveis um abismo entre vós e o pobre a quem repelis, porquanto, se ele suportar o vosso desprezo resignadamente, com fé e coragem, terá a sua recompensa, ao passo que tereis de pagar a dureza e a secura do vosso coração. E, enquanto perseverardes nesse endurecimento, intransponível será para ambos o abismo que vos separe. Só o arrependimento lançará sobre este uma ponte pela qual vos podereis reunir.

Qual, conforme ao espírito, a explicação dos versículos 27-31?

A linguagem do rico na parábola (v. 27, 28 e 30) é a prova e, ao mesmo tempo, a sanção da crença dos JuDeus na comunicação dos homens com as almas dos mortos, com os Espíritos.

As duas respostas de Abraão ao rico mostram ser absolutamente inútil, para demover os sistematicamente incrédulos, toda e qualquer comunicação de além-túmulo. Efetivamente, que valor a aparição do pobre teria para os irmãos daquele rico, imbuídos das mesmas opiniões e do mesmo egoísmo que ele, como se depreende da parábola? Acusá-lo-iam de continuar a importuná-los, até depois de morto. Varreriam do pensamento a aparição, do mesmo modo que da vista repeliam o homem, sobretudo sendo aquela ainda mais aborrecida.

Acresce que, de par com a incredulidade sistemática, também a incredulidade filha do endurecimento leva o homem a negar as comunicações de além-túmulo, por isso que estas lhe trazem revelações ameaçadoras da segurança que ele se empenha em manter e lhe impõem reformas urgentes, quando o que lhe apraz é seguir o curso das suas paixões.

Que esses procurem primeiro aplicar a si próprios a lei, a fim de se submeterem a ela. Em nome do Catolicismo se diz: Tendes o Evangelho e a Igreja, porque procurar outra coisa?

Os que falam *assim parodiam* o que disse Jesus (v. 29 e 31 da parábola). Quando punha na boca de Abraão estas palavras: *“Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem”* - o que o Mestre dizia era: *“Tendes a lei e os profetas”* isto é, *“tendes o amor universal para vos guardar; tendes, para vos guiar, o exemplo dos que o praticaram”*. Os que vos concitam a reportar-vos aos Evangelhos fizeram destes *letra morta*. Eles deixaram de ser a lei, porquanto, da prática a que os submeteram os que assim falam, desapareceu o amor imenso que se estende por

sobre todos indistintamente, que a ninguém repele, que dá alento a todos os fracos e arrebanha todas as ovelhas desgarradas, sem se preocupar com o caminho por onde venham.

O amor - eis a lei, os Evangelhos; a prática do amor - eis os profetas, os intérpretes dos Evangelhos. Os que do amor se afastam não obedecem à lei que pretendem impor aos outros.

Por terem, os que vos apontam os Evangelhos, feito deles *letra morta*, é que, nos tempos preditos, quando a abominável desolação impera no lugar santo, exatamente onde não devera existir, o Senhor envia o Espírito da Verdade para, por uma difusão geral *do espírito* reconduzir os homens à prática do amor, à pureza e à simplicidade da sublime moral do Mestre, para os conduzir à verdade, pois que o progresso é lei da Natureza.

Tomando a parábola ao pé da letra, dizem: “Todo o pensamento desta parábola está no v. 15 do capítulo XVI: “Pois o que é elevado aos olhos dos homens, é abominável para Deus”. Com efeito, o rico tem o inferno por sepulcro (v. 22); Deus o abomina unicamente por ser ele grande perante o mundo; e o pobre é agradável a Deus, “está no seio de Abraão”, unicamente por ser pequeno perante o mundo. Não se diz ali que o rico usou mal das suas riquezas, nem que o pobre fez bom uso da sua pobreza, mas que o rico recebeu os seus bens em vida e que a Lázaro só males couberam. É o que implicitamente se nos depara nestas palavras de Lucas, no começo do sermão do monte: “Ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação neste mundo; - ai de vós, que estais saciados, pois que tereis fome: - ai de vós, que agora rides, pois que sereis condenados ao pranto e às lágrimas”. (LUCAS, VI, v. 24-25).

Este sentimento de animosidade contra a riqueza, essa reprovação do rico se desenvolveu no Cristianismo, ao mesmo tempo que se alargou sua luta contra o mundo, mas o *pensamento mesmo* do seu fundador é diferente: “*Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas as coisas vos serão dadas de acréscimo.*” (Mateus, VI, v.33).

Os que usam desta linguagem, tendo razão do ponto de vista das falsas interpretações dadas às palavras do Mestre, se enganam redondamente quanto ao sentido e ao objetivo, *segundo o espírito*, segundo o *pensamento* de Jesus, intencionalmente velado *pela letra*, quer da parábola, quer dos textos que citam e que já vos explicamos *em espírito e verdade*.

A falsa interpretação das palavras do Mestre produziu bons frutos a seu tempo. A violência mesma dessa interpretação concorreu para que os prevaricadores, os avaros e os egoístas se despojassem de seus bens, com o propósito de evitarem o castigo e

de darem *exemplos* de desprendimento, que *mais tarde seriam mais bem compreendidos*.

Quando se tem que abater uma árvore secular, não é de um canivete que se lança mão, mas de um machado manejado por vigoroso pulso. Quando se tem de destruir paixões más, fundamente enraizadas, não é com palavras brandas e sem alcance que se há de consegui-lo. Será preciso vibrar golpes violentos que repercutam no coração. As palavras de Jesus eram sempre medidas para o efeito de produzirem frutos imediatos e *prepararem* as colheitas vindouras. Mesmo o que considerais desvios resultantes de falsas interpretações não foi mais do que o trabalho profundo da charrua em terras duras, forçando-as a produzir, a fim de que a cultura as possa, ao cabo de certo tempo, amolecer, destorroar e tornar férteis em frutos mais doces e mais saborosos.

Reportem-se os que formulam aquelas objeções à explicação, *conforme ao espírito*, que vimos de dar da parábola em questão; atendam a que “a *letra* mata e o *espírito* vivifica”, a que as palavras de Jesus são “*espírito e vida*” e que se encadeiam formando um conjunto harmonioso - e compreenderão.

Qual é, segundo o espírito, o sentido do v. 26?

Alusão à impossibilidade que há, para o Espírito, de deter o curso da justiça divina.

As palavras desse v. 26, veladas pela *imagem material* e pela *letra*, significarão, de acordo com a ciência e a verdade espíritas, que os bons Espíritos não se podem acercar dos Espíritos culpados, enquanto não há, da parte destes, arrependimento - e, reciprocamente que os Espíritos culpados não se podem elevar às regiões em que se acham os bons Espíritos e acercar-se destes?

Não; os Espíritos superiores não entram em contacto com os Espíritos inferiores que sofrem punição, mas os bons Espíritos, de menor elevação, os cercam, conservando-se, *entretanto*, invisíveis. Quanto aos Espíritos inferiores, esses nunca podem elevar-se às regiões ocupadas pelos bons Espíritos, sem que um arrependimento sincero os ponha em condições de experimentarem a influência direta de seus protetores e sem que lhes tenha sido permitido acompanhar os bons Espíritos com o propósito de se instruírem e progredirem.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXV, vv. 14-30. - LUCAS, Cap. XIX, vv. 11-27

Parábola dos talentos. - Servo inútil. - Parábola dos dez marcos

MATEUS : V. 14. Porque, é assim como um homem que, tendo de partir para longe, chamou seus servos e lhes entregou os bens que possuía. - 15. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, de acordo com a capacidade de cada um, e partiu sem mais demora. - 16. Foi-se o que recebera cinco talentos, entrou a negociar com eles e ganhou outros cinco. - 17. O mesmo fez o que recebera dois e ganhou dois. - 18. Mas, o que apenas um havia recebido lá se foi com ele, cavou um buraco no chão e aí escondeu o dinheiro do seu Senhor. - 19. Depois de muito tempo, voltou o Senhor daqueles servos e os chamou a contas. - 20. Veio o que recebera cinco talentos e, apresentando-lhe outros cinco, disse: Senhor, tu me entregaste cinco talentos; aqui estão mais cinco que ganhei. - 21. Disse-lhe o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. - 22. Veio em seguida o que recebera dois talentos e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos; aqui estão mais dois que com eles ganhei. - 23. Disse o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. - 24. Veio por fim o que só um talento recebera e disse: Senhor, sei que és um homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes onde não espalhaste. - 25. Temendo-te, fui-me e escondi na terra o teu talento; aqui tens o que te pertence. - 26. Seu Senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, pois que sabias que ceifo onde não semeei, que colho onde não espalhei, - 27, devias ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, assim, à minha volta, eu receberia o que é meu com juros. - 28. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. - 29. Porque, a todo o que tem se dará e terá em abundância; e àquele que não tem será tirado até o que pareça ter. - 30. E o servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: V. 11. Tendo eles ouvido isso, Jesus, continuando, lhes propôs uma parábola, a propósito de se achar perto de Jerusalém e pensarem todos que o reino de Deus se manifestaria imediatamente. - 12. Disse, pois: Um homem de alta linhagem partiu para um país longínquo, a fim de tomar conta de um reino e depois voltar. - 13. Chamou dez servos seus, deu-lhes dez marcos de prata e disse: Ponde-os em giro até à minha volta. - 14. Mas, como os de seu país o odiavam, mandaram após ele uma embaixada para lhe dizer: Não queremos sejam quem nos governe. - 15. Com efeito, voltou o homem, depois de haver tomado posse do reino, e mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de

saber quanto cada um fizera render. - 16. Veio o primeiro e disse: Senhor, teu marco rendeu dez marcos. - 17. Respondeu-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás poder sobre dez cidades. - 18. Veio o segundo e disse: Senhor, teu marco rendeu cinco marcos. - 19. O Senhor lhe respondeu: Tu governarás cinco cidades. - 20. Veio outro e disse: Senhor, aqui está o teu marco, que conservei guardado num lenço. - 21. Tive medo de ti, porque és homem severo, que tiras de onde não puseste e ceifas onde não semeaste. - 22. Respondeu-lhe o Senhor: Servo mau, pelas tuas próprias palavras eu te julgo: sabias que sou homem severo, que tiro donde não pus e ceifo onde não semeei; - 23, porque, então, não colocaste o meu dinheiro num banco, a fim de que, quando eu chegasse, o recebesse com juros? - 24. E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe o marco e dai-o ao que tem dez. - 25. Observaram-lhe: Senhor, esse já tem dez marcos. - 26. Pois eu vos digo que a todo aquele que já tem ainda se dará mais e esse terá em abundância e que, àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. - 27. Quanto aos meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os na minha presença.

N. 281. Já vos temos dito que não se fala na mesma linguagem a todos os homens. Assim é que as parábolas de Jesus, repetidas muitas vezes, com pequenas variantes, são, quanto ao fundo, ao sentido, as mesmas, porém sempre apropriadas ao entendimento daqueles que as escutavam.

Isso se verifica também com a parábola dos talentos e do servo inútil, bem como com a dos dez marcos.

Nesta última, Jesus faz uma alusão especial (vv. 11, 12, 14 e 17) primeiramente à lei que ele viera trazer ao mundo, à ingratidão dos homens que a repeliram, falseando-a ou dela se isentando; depois, aos castigos que aguardarão os endurecidos, se, apesar de tudo, perseverarem no egoísmo e no orgulho.

Quanto à ordem que o rei dá para que lhe tragam os súditos revoltados, a fim de que sejam executados na sua presença, o que com isso quis Jesus foi aludir à sentença de banimento que será proferida contra os que permanecerem endurecidos, quando chegar o momento das retribuições gerais. Essa alusão é idêntica à que se encontra (Mateus, v. 30) nas suas palavras relativas ao servo inútil, que será lançado nas trevas exteriores, isto é: que será afastado do vosso e degredado para planeta inferior a esse, quando se operar e concluir a separação do joio e do trigo.

Essa ameaça do rei, materializada pelos Judeus, que, ouvindo-a, a tomaram segundo a letra e não segundo o espírito, assim como o que foi dito com relação ao servo inútil era de molde a enchê-los de temor.

À parte as variantes que vimos de apontar, as duas parábolas, na substância e no sentido, são idênticas. As explicações dadas respeito a uma servem para a outra. Essa a razão por que aqui se acham reunidas, embora tenham sido formuladas em ocasiões e lugares diversos.

Com ambas se deu o mesmo que com a das virgens loucas e das virgens prudentes: uns não as compreenderam, outros lhes falsearam o sentido e o alcance.

Todas as críticas, variando em seus efeitos, derivam de uma mesma causa. É que, quando o sentido parabólico do ensino embaraça a crítica, apegam-se à letra; quando o embaraço vem da letra, procura-se um sentido oculto. Desse modo é que se obscurecem, falseiam, ou desnaturam o sentido e o objeto das parábolas de Jesus.

Tratem de ler com mais atenção, isentos de idéias preconcebidas, os que desejam destruir, sem compreenderem a causa secreta que os impele, sem verem o alvo que hão de atingir, mau grado à vontade que os anima. E, se com isso não sofrer demasiado o orgulho que os domina, apelem, intimamente, para aquele que abre as inteligências e compreenderão melhor. Mas, para esses o momento ainda não chegou. Presentemente, eles se ocupam em derribar um edifício que estava prestes a ruir. Atiram ao solo, em desordem, os materiais, sem cogitarem do que possa daí resultar, sem preverem a confusão que há de nascer de tal revolvimento, sem se apiedarem das naturezas fracas que ainda se abrigam sob as abóbadas da velha igreja. Derribam e derrocam. Chegado o momento, os que lhes sucederem virão apartar pedra por pedra, escolher os materiais bons, separar os imprestáveis e reconstruir, sobre bases inabaláveis, o edifício onde todos os homens irão haurir o amor, a caridade, a fé e a esperança.

Não esqueçais (nunca o recomendaremos bastante) que todas as parábolas de Jesus, tendo, segundo o espírito, um sentido velado, de aplicação às épocas vindouras, tinham que ser, pelos homens que as escutavam, compreendidas segundo a letra, tinham, portanto, que ser aplicadas a fatos materiais correspondentes à época e às inteligências desta. Assim, pois, tomai sempre todas as parábolas de Jesus no seu sentido velado e profético e também debaixo do ponto de vista material aplicável, quer pelo exemplo, quer pelas expressões, às inteligências da época.

Eis aqui a explicação, em espírito e em verdade, da dos talentos e da dos dez marcos, as quais, repetimos, salvo as variantes que já vos assinalamos, são idênticas no fundo e no sentido.

O Senhor não exige, não reclama de cada um de vós senão o que é justo, atentas as vossas capacidades e a vossa fraqueza humana. Mas, quer que façais todos os esforços por progredir. Dentro de vós colocou o gérmen: desenvolvi-o.

Não vos apegueis, para adormecerdes na preguiça, à desculpa de que tendes menos faculdades do que vossos irmãos. Não alegueis que não sois aptos, que fostes deserdados, que o Senhor exige tanto das suas criaturas que jamais vos seria possível satisfazê-lo; que, ao contrário, poderíeis desmerecer ainda mais, se tentásseis esforços inúteis; que vos poderíeis transviar e atrair em maior escala o que chamais a sua cólera e que é apenas a sua justiça.

O Senhor é justo e equitativo. Se é certo que não vos achais todos no mesmo ponto; se é certo que pareceis não ter todos o mesmo número de "talentos", não menos certo é que podeis chegar, pela vossa perseverança, a merecer que maior quantia vos

seja confiada. Todos partistes do mesmo ponto, todos ao mesmo ponto chegareis. Mas, entre vós, uns há mais preguiçosos do que outros. A esses o Senhor tirará o "talento", o marco que possuem.

Quer dizer que, não podendo caminhar de par com os bons servos, eles serão transferidos para outros meios, onde suas disposições lhes bastem. Estes outros meios, está claro, serão inferiores ao em que se encontravam. Doer-lhes-á então terem perdido a posição em que estavam e mais rude será o trabalho que terão de executar para reconquistá-la.

Jesus não pretendeu dar a entender que o Senhor, justo em tudo, faz que os servos ativos tirem proveito da falta de virtude e de atividade dos servos incapazes. Quis tão-somente significar que os primeiros, por terem mais, andarão mais depressa e quinhão maior obterão das graças do Senhor.

Falando do terceiro servo, o Mestre alude a esses Espíritos malévolos que, para encobrirem suas próprias faltas, procuram atribuir faltas aos outros. Longe estava do pensamento do "filho" acusar o "pai". A resposta que ele põe na boca do Senhor tem esta significação : "Pois que me julgas exigente e ríspido, capaz de colher onde não semeei, de exigir o que não dei, como pudeste adormecer sem nada tentar para me satisfazer? Não é evidente que devias, uma vez que te não consideravas bastante forte para, por ti só, o conseguires, buscar o amparo dos que pudessem ajudar-te? Eles te teriam levado ao ponto de me restituíres com juros o que te dei, isto é: de progredires".

Os banqueiros, segundo o espírito, são os que podiam desenvolver no terceiro servo o amor do progresso e, conseguintemente, segundo a letra, conseguir os juros que o Senhor exige do seu servo. Por banqueiros deveis entender, de acordo com o sentido oculto da parábola, os que podem auxiliar o progresso de seus irmãos na Terra e no espaço: Espíritos encarnados e errantes.

Compreendei também essas mesmas palavras de Jesus do ponto de vista material, aplicável, pelo, que exprimiam e pelo exemplo que continham, às inteligências da época. A lei de Moisés proibia os empréstimos a juros, assim como a escravidão. Era uma lei protetora dos Hebreus contra os próprios Hebreus. Dessa circunstância nasceram os abusos contra os estrangeiros. Por efeito de uma interpretação capciosa, entendia-se que a proibição só existia de Hebreu para Hebreu, mas não de Hebreu para com o estrangeiro e assim toda a exação, considerada culposa quando praticada contra um Hebreu, era tida por justa, se praticada contra um estrangeiro. Notai que aqui não se trata de banco, do ponto de vista da vossa época, e sim de troca, transação, que permitia ao que recebia em depósito uma certa soma operar com ela, trocando-a por mercadorias quaisquer e partilhando dos lucros, mais ou menos igualmente, com o dono dos fundos. Considerai os mil artifícios inventados pela cupidéz para fraudar as leis; atentai no que se passa em torno de vós e compreendereis que houvesse quem recebesse fundos e sobre eles pagasse juros, ou que os fizesse render conforme as necessidades da época.

Quanto às palavras constantes nos vv. 29 de Mateus e 26 de Lucas, são idênticas

às de que Jesus já anteriormente usara na parábola do semeador. Recebestes acerca dessas palavras as explicações necessárias nas que vos demos em o n. 164 do 2º volume, à pág. 316. Nada temos que acrescentar. Reportai-vos a elas.

Claros são, pois, o sentido e o objetivo das parábolas dos talentos e dos dez marcos. Estais em condições de lhes compreenderdes o sentido velado e profético, que é o seguinte:

O pensamento de Jesus, ao propô-las, abrangia a época da sua missão terrena, seu regresso às regiões superiores após o sacrifício do Gólgota, a época preparatória da sua volta ao planeta terrestre, época que é a era nova do Cristianismo do Cristo, a era do espírito, e a época mesmo dessa volta. Ele adverte os homens de que lhes cumpre, trabalhando com atividade, empregando esforços sérios e porfiados, prosseguir no desenvolvimento de seu progresso moral e intelectual. Adverte-os de que cada um tem e terá que prestar contas, que a cada um contas serão pedidas das faculdades que recebeu do Senhor, faculdades que todos podem e devem fazer que rendam, que todos podem e devem desenvolver, tendo para ajudá-los nisso os "banqueiros", isto é: todos os que lhes podem auxiliar o progresso na Terra e no espaço e cujo amparo importa que busquem.

Previne-os de que para o desempenho dessa tarefa têm eles, os homens, o tempo preciso, a expiação e a reencarnação, porquanto, como sabeis, o joio há de crescer ao lado do trigo até que se verifique a regeneração, cuja hora e cujo dia ninguém sabe quando chegarão. Previne-os de que, nessa época, os Espíritos que ainda se conservarem culpados ou rebeldes, preguiçosos e ignorantes, orgulhosos ou egoístas, incapazes ou indignos de participarem da regeneração, serão afastados da Terra e mandados para planetas inferiores; de que, para esses, grandes serão a dor e os remorsos, longa a expiação e mais rude o labor pela reconquista da posição que perderam. Avisa-os de que os que houverem trabalhado pelo seu progresso, na medida de suas capacidades, serão, de acordo com as obras que tenham praticado e sobretudo de acordo com a boa-vontade de que hajam dado mostras, recompensados na classificação que se fará nesse período de regeneração e de purificação em vosso planeta depurado e regenerado.